

O *ethos* pretensioso nos manuais de como fazer *fanfictions*: uma abordagem discursiva

The pretentious *ethos* in the manuals of how to make *fanfictions*: a discursive approach

Pollyanna Zati Ferreira *

RESUMO: No contexto do ciberespaço, percebemos que um grande número de jovens, leitores principalmente de obras literárias “populares”, está produzindo histórias de ficção com base em suas obras preferidas; trata-se das *fanfictions*. Verificamos, ainda, que, além da prática discursiva da *fanfiction*, há também outra prática que se constituiu em torno dela, a saber, os manuais de como fazer *fanfictions*. Nesses manuais, encontramos várias “dicas” de como produzir *fanfictions*, sendo recorrente neles as orientações quanto ao bom uso da língua portuguesa, a apresentação dos elementos narrativos, propostas de um trabalho com a linguagem (descrição) e recomendação quanto à leitura. Nesse artigo, pretendemos discorrer a respeito do *ethos* construído nessa prática quando essa trata sobre o uso da língua portuguesa e, para tanto, consideramos a noção de *ethos* desenvolvida por Dominique Maingueneau (2008b). Nossa hipótese é que os manuais possuem um *ethos* pretensioso quando se trata do uso da língua portuguesa. O *corpus* de nossa pesquisa se constitui, basicamente, de textos que se intitulam como “manuais de como fazer *fanfictions*”, encontrados em sites e blogs relacionados às *fanfictions* e de textos normativos presentes no blog Liga dos Betas, visto que também orientam a produção de *fanfictions*. Em termos metodológicos, a abordagem de nosso *corpus* foi feita em conformidade com o que postula Pêcheux (2002): contempla um batimento entre os momentos de descrição e interpretação do objeto, sem, entretanto, considerar que esses movimentos sejam indiscerníveis.

ABSTRACT: In the context of cyberspace, we realize that a large number of young people, especially readers of literary works "popular", is producing fiction's stories based on her favorite works; these are the *fanfictions*. We also observed that, in addition to the *fanfiction* discursive practice, there is another practice that was formed around it, namely: manuals of how to make *fanfictions*. In these manuals, we find several tips on how to produce *fanfiction*, and the recurring them as guidelines: the good use of the Portuguese language; presentation of narrative elements, work with the language (description); the reading. In this article, we discuss about the *ethos* built on that practice when deals with the use of the Portuguese language and, therefore, we will consider the notion of *ethos* developed by Dominique Maingueneau (2008b). The corpus of our research is basically of texts that call themselves as "manuals of how to make *fanfictions*", found on websites and blogs related to *fanfictions*, and normative texts present on the blog *Liga dos Betas*, as also direct the production of *fanfictions*.

* Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

PALAVRAS-CHAVE: *Fanfictions*. Manuais de como fazer *fanfictions*. *Ethos*.

KEYWORDS: *Fanfictions*. Manuals of how to make *fanfictions*. *Ethos*.

1. Introdução

No contexto do ciberespaço, percebemos que um grande número de jovens, leitores principalmente de obras literárias “populares”, está produzindo histórias de ficção com base em suas obras preferidas; trata-se das *fanfictions*. Após sua expansão, outras práticas discursivas surgiram em torno delas e uma se tornou bastante recorrente no ciberespaço, a saber: os manuais de como fazer *fanfictions*. Nesses manuais, a partir da apresentação de conceitos teóricos e de exemplos, seus produtores instruem a produção de *fanfictions*, sendo regulares as orientações quanto: ao bom uso da língua portuguesa; à apresentação dos elementos narrativos; ao trabalho com a linguagem (descrição); à leitura.

Neste estudo, pretendo discorrer a respeito do *ethos* construído nessa prática (nos manuais) quando seus produtores tratam sobre o uso da língua portuguesa. Para tanto, consideramos a noção de *ethos* desenvolvida por Dominique Maingueneau (2008b), que propõe que todo discurso, sendo da dimensão oral ou escrita, tem uma vocalidade específica que, além de permitir a persuasão dos destinatários por meio dos argumentos, possibilita a reflexão do processo de adesão dos sujeitos a determinado posicionamento. Nossa hipótese é que os manuais possuem um *ethos* pretensioso quando se trata do uso da língua portuguesa, o que acaba por constituir um posicionamento conservador em relação à escrita.

O *corpus* de nossa pesquisa se constitui, basicamente, de textos que se intitulam como “manuais de como fazer *fanfictions*”, encontrados em sites e blogs relacionados às *fanfictions*, e de textos normativos presentes no blog *Liga dos Betas*, visto que também orientam a produção de *fanfictions*.

A abordagem do *corpus* desta pesquisa se dá, fundamentalmente, a partir de um dispositivo de análise proposto por Michel Pêcheux, em *Discurso: estrutura ou acontecimento* (2002), segundo o qual a análise contempla um batimento entre os momentos de descrição e interpretação do objeto, sem, entretanto, considerar que esses movimentos sejam indiscerníveis.

2. Notas sobre o *ethos*

Para apresentar a noção de *ethos*, Maingueneau (2008b) recorre à retórica antiga, que entendia *ethos* como a imagem psicológica e sociológica que um orador constrói sobre si no ato

de enunciação, por meio do tom de voz, da escolha de palavras, da postura, dos argumentos, e não por meio de enunciados explícitos. Diferentemente da retórica, que ligou o *ethos* estreitamente à oralidade, o autor propõe que todo discurso, sendo da dimensão oral ou escrita, tem uma vocalidade específica que permite relacioná-la a uma caracterização do corpo do enunciador, isto é, aos traços psicológicos e físicos atribuídos àquele que enuncia, o fiador.

Esse *ethos* discursivo, de acordo com Maingueneau (2008b), implica uma forma de mover-se no espaço social, e a maneira pela qual o intérprete (leitor ou ouvinte) se apropria desse *ethos*, apoiado de representações sociais positivas e negativas, isto é, estereótipos que a enunciação pode ou não reforçar, é designada pelo autor de *incorporação*. Essa atua em três registros: i) a enunciação da obra confere uma corporalidade ao fiador; ii) o intérprete, habitando seu próprio corpo, incorpora esse *ethos* conforme a maneira específica como ele se relaciona com o mundo; iii) essas duas incorporações permitem a constituição de uma comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso.

Essa incorporação, afirma ainda o autor, modula-se em função dos gêneros e dos tipos de discurso, o que equivale dizer que o *ethos* não pode ser considerado da mesma maneira em qualquer texto, mas sim como parte integrante da cena de enunciação, em que o destinatário, por meio do *ethos*, inscreve-se na cena que o texto implica. O autor concebe essa cena de enunciação como constituída de três cenas, a saber: a **cena englobante**, entendida por “tipo de discurso”, como os discursos religioso, político, publicitário; a **cena genérica**, que participa, num nível inferior, da cena englobante, uma vez que um discurso é sempre enunciado por meio de um gênero determinado; e a **cenografia**, que, diferentemente, não é imposta pelo tipo ou gênero de discurso, mas construída pelo próprio texto. A cenografia é, segundo Maingueneau (2008b), a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que em troca ele precisa validar por intermédio de sua própria enunciação. Um sermão, por exemplo, pode ser enunciado por meio de uma cenografia profética, ao passo que o gênero lista telefônica dificilmente permitirá cenografias variadas, atendo-se a sua cena genérica. De acordo com o autor, a cenografia, com o *ethos* da qual ela participa, implica um processo de enlaçamento. Nesse sentido, assim como a cenografia se torna válida ao legitimar um enunciado, o *ethos* também se valida por meio da própria enunciação.

O *ethos* discursivo, resalta Maingueneau (2008b), resulta de uma interação de diversos fatores. São eles: *ethos* pré-discursivo, construído mediante as representações prévias do *ethos* do enunciado, muitas vezes ligadas a estereótipos; *ethos* discursivo, que se constrói no ato de

enunciação (*ethos* mostrado), podendo também o enunciador evocar sua própria enunciação (*ethos* dito); e o *ethos* efetivo, que é aquele que o destinatário constrói a partir da interação desses diferentes *ethé*, cujo peso respectivo, afirma o autor, varia segundo os gêneros do discurso.

Dentro de um quadro da análise do discurso, e de acordo com o ponto de vista proposto por Maingueneau (2008b), o poder de persuasão de um discurso sobre um destinatário decorre do fato de esse destinatário identificar-se com um corpo investido de valores historicamente especificados. Nessa perspectiva, a noção *ethos* permite refletir, além da persuasão pelos argumentos, o processo de adesão dos sujeitos a determinado posicionamento.

3. A comunidade discursiva constituída em torno das *fanfictions*

Fanfictions são, como o próprio nome permite antever, ficções criadas por fãs com base em um ou mais universos ficcionais, presentes em obras literárias, animes, histórias em quadrinhos, entre outros produtos midiáticos que eles apreciam. A característica principal dessas histórias, portanto, é estarem relacionadas a algum aspecto da produção original, como, por exemplo, um acontecimento, um cenário ou personagem. Nesse sentido, uma frase, um diálogo, um capítulo, a interação (amizade, romance, inimizade) entre dois personagens, uma lacuna deixada pelo autor no original, a característica peculiar de um personagem, principal ou secundário, um cenário, uma pista pronunciada pelo autor sobre o futuro da obra, isto é, tudo relacionado ao universo ficcional que eles admiram pode ser relacionado como conteúdo temático das *fanfictions*.

Apesar de esse gênero ser, atualmente, publicado somente na web, surgiu, de acordo com Vargas (2005), anteriormente ao advento da internet. Nesse período, as *fanfictions* circulavam apenas entre fãs, por meio de publicações em pequenas revistas (*fanzines*), que divulgavam também outros materiais relacionados ao produto que admiravam. Com o surgimento e a expansão da internet, a produção de *fanfictions* cresceu, e a rede, segundo Vargas, tornou-se um instrumento poderoso para a organização do *fandom* (comunidade de fãs) e para a divulgação de *fanfictions*, já que seus produtores puderam facilmente criar websites e disponibilizar suas histórias para que outros fãs pudessem lê-las.

Desses websites, *fanfiction.net* é o site mais antigo e que possui maior número de *fanfictions*. Seu acervo, em 2005, de acordo com Vargas, era de 905.686 histórias depositadas em trinta e três línguas diferentes. Atualmente, as *fanfictions* publicadas nesse site são divididas

em nove categorias: *Anime* – desenhos animados televisionados de estilo oriental; *Cartoon* – desenhos animados televisionados de estilo ocidental; *Game* – jogos de computador; *Movie* – filmes em geral; *TV show* – shows de TV; *Comic* – histórias em quadrinhos; *Book* – livros, *Play/Musical* – peças teatrais ou musicais; e *Misc* – histórias que misturam os universos das categorias citadas.

Os websites costumam organizar suas *fanfictions* por gênero. No site *Floreios e Borrões*, por exemplo, são divididas em romance, aventura, ação, suspense, terror, horror, tragédia, humor negro, mistério, amizade, *songfic*, universo alternativo, comédia/humor, drama, *slash*, *het*, *gen*, pós-Hogwarts, poesia, geral e outros, sendo essa última categoria para aquelas *fanfictions* que não se encaixam nas outras categorias. Alguns desses gêneros preservam elementos em comum com o universo midiático e escolar, mas há também aqueles que foram criados nesse campo de atuação das *fanfictions*: o *slash*, que aborda relacionamentos entre personagens do mesmo sexo, o *het*, que focaliza em um relacionamento heterossexual, o *gen*, que destaca as características individuais dos personagens, sem destacar, por isso, nenhum relacionamento amoroso, e muitos outros.

Para que leitores e produtores de *fanfictions* (*ficwriters*) possam exercer suas funções (produzir e ler *fanfictions*), precisa-se de alguém que manuseie o site em que elas serão postadas; são os *webmistresses*. Além disso, para que a *fanfiction* não se descaracterize – história baseada em outra história – há um revisor de texto (*betareader*) que avalia se as histórias merecem ou não ser publicadas. Esta avaliação é feita de acordo com as normas do site, e consiste em apontar, no texto, erros gramaticais e de ortografia, ou ir mais além e apontar incoerências com relação à caracterização dos personagens e outros detalhes da obra original.

Por ser um gênero que circula na web, a troca de e-mails, mensagens no *twitter* e, principalmente, as *reviews* (comentários) e as notas do autor são os principais mecanismos de interação entre leitores e produtores de *fanfictions*. Por meio de tais mecanismos, discute-se e opina-se sobre as histórias lidas e escritas.

Os administradores dos sites em que são publicadas as *fanfictions*, bem como os revisores dos seus textos, seus produtores e leitores compartilham um léxico específico. Além de *webmistresses*, *betareaders*, *ficwriters*, *slash*, *longfics* e outros termos já mencionados anteriormente, há muitas outros, tais como: *Mary Sue* (tipo de personagem idealizada, normalmente sem defeitos e, por isso, bastante criticada por leitores de *fanfictions*); *crossover*

(nome dado às *fanfictions* que têm como cenário dois universos diferentes); *fics* (abreviação de *fanfictions*); *darkfics* (*fanfictions* com cenas depressivas), entre outros.

Após sua expansão, algumas práticas discursivas surgiram em torno das *fanfictions*, destacando-se como mais usuais as ripagens, que consistem na crítica de *fanfictions* consideradas mal escritas, com erros gramaticais, enredo incoerente e clichê, as *reviews* (comentários sobre a *fanfiction* lida) e os manuais de como fazer *fanfictions*.

Com base nisso e no que apresentamos até aqui, podemos afirmar que há em torno das *fanfictions* a organização de uma comunidade discursiva¹, constituída por meio das práticas discursivas (*fanfictions*, *reviews*, ripagens, manuais de como fazer *fanfictions*) de *ficwriters*, leitores, *betareaders* e *webmistresses*.

Segundo Maingueneau (2008a; 2008b), todos os planos da discursividade, tais como intertextualidade, tema, gênero discursivo, *ethos*, entre outros, são regulados por uma semântica global, isto é, um mesmo sistema de restrições semânticas que fixa os critérios do que é possível ou não de ser enunciado do interior de um determinado posicionamento. Esse posicionamento, afirma o autor, é inseparável da comunidade que o elabora e o faz circular, havendo, portanto, uma imbricação entre o modo de organização social e o modo de existência de textos. Seguindo essa perspectiva, assumimos, pois, que, ao analisarmos o *ethos* que emerge dos manuais quando tratam sobre o uso da língua portuguesa, revelamos também o posicionamento quanto à escrita da comunidade discursiva constituída em torno das *fanfictions*.

A seguir, passaremos à análise do *ethos* que emerge dos manuais de como fazer *fanfictions*.

4. Os manuais de como fazer *fanfictions*: um *ethos* pretensioso

De modo geral, os manuais de como fazer *fanfictions* são criados por *betareaders*, que são também, não raras vezes, *ficwriters*. Esses *betareaders*, como dito anteriormente, são os responsáveis por revisarem as histórias antes de elas serem publicadas em determinados sites, e, normalmente, essa revisão focaliza os erros gramaticais presentes nos textos.

Nessa perspectiva, a prescrição sobre o bom uso da língua portuguesa está sempre presente nesses manuais e, geralmente, vem seguida de uma apresentação de regras normativas da língua. Para iniciarmos nossa abordagem, apresentamos, a seguir, um tutorial de como fazer

¹ Maingueneau (2008a) entende comunidade discursiva como a organização de sujeitos em torno de práticas discursivas, que acabam por constituir uma identidade discursiva.

fanfictions que aparece em vários sites relacionados a *fanfictions*, inclusive o *fanfiction.net*, site mais procurado pelos *ficwriters*:

TUTORIAL: COMO FAZER UMA BOA FANFICTION

• Temática&Escrita •

Todos nós sabemos que uma fanfiction bem escrita, bem desenvolvida atrai leitores. Mas, *como fazer uma boa fanfic?* E na verdade, o que é uma boa fanfic? Uma boa fanfic não tem a ser valorizada apenas a temática; o modo como é desenvolvida, a escolha das palavras acrescenta em muito nos pontos.

Na verdade, o tema, seja ele o maior dos clichês, torna-se original à partir da maneira como o autor o desenvolve e o coloca no enredo. Porque tudo, tudo é clichê. O que diferencia é a maneira como o clichê é trabalhado. Pense bem; é como uma mulher; uma mulher trajada como todas as outras: vestido longo e vermelho, sapatos de salto e etc. O que diferencia uma mulher da outra não é só como ela pensa ou age; os aspectos físicos são o que as diferencia de longe; à exemplo, as curvas, os cabelos, traços faciais, etc. Simplificando: até mesmo os clichês têm suas diferenças.

Percebe que os elementos acrescentados na trama mudam o rumo e as características do famoso clichê?

Mas como trabalhar numa trama em cima de um clichê e "mudar" o clichê?

1 – O primeiro passo é tratar de um assunto que você goste, seja ele qual for. Se o tema que você escolhe para tratar na sua estória não é do seu agrado e você não se sente completamente à vontade para desenvolver o enredo em torno dele, simplesmente **descarte-o**; um enredo bem desenvolvido e com um tema menos complexo é preferível a uma estória de complexidade mais elevada, não desenvolvida totalmente. E é claro, **pesquise a respeito do tema que você escolheu**, um escritor desinformado é prejuízo. Caso você queira fugir do clichê, quanto à temática, acrescente outros elementos na trama, como um suspense, outro suspeito – se for o caso – ou mais de um vilão; enfim, isso depende de autor para autor. Use a sua imaginação.

2 – O bom uso das palavras é fundamental. Você não precisa ser *expert* em **Língua Portuguesa** e dominar todas as suas funções, regras e afins. Apenas tome cuidado com os **acentos**, as **vírgulas**, os **tempos verbais** e é claro, a **concordância**, tanto gramatical quanto verbal. Word e um dicionário são bons companheiros na hora de desenvolver qualquer escrito.

2.1 – Você também pode usar algumas das **Figuras Semânticas** em conjunto ou não com as Figuras Sintáticas para enriquecer o seu texto. Tais como **Metáfora**, **Prosopopéia**, **Antítese**, **Paradoxo**, **Hipérbato***, **Assíndeto***, **Eufemismo**, **Ironia**, etc. Elas ressaltam não só a forma como o texto é produzido, mas também as personalidades dos personagens e deixam mais claras as intenções do escrito.

3 – Saber empregar as palavras é um suporte indispensável para escrever bem. Contudo, sempre vemos aqueles erros básicos de mal colocação das palavras. Tais como as posições dos *porquês*, *senão*, *há*, e *a* – crase.

3.1 – O **PORQUE** – junto e sem acento – é usado para introduzir explicações, causas.

Ex.:
Não sei o **porque** disso.

3.1.2 – O **PORQUE** – junto e com acento – é empregado como substantivo de motivo, razão.

3.1.3 – O **POR QUE** – separado e sem acento – é usado equivalendo a "pelo qual, pelos quais, pela qual, pelas quais"

Ex.:
Muitos foram os lugares **por que** passamos
Ou ainda, numa interrogativa indireta:
Não sei **por que** você fez isso.

3.1.4 – O **POR QUÊ** – separado e com acento – é usado no final da frase interrogativa. O *que* torna-se tônico, justificando, a presença do acento gráfico.

3.2 – **Senão** é usado equivalendo *do contrário*, *a não ser*, *mas sim*.

Ex.:
¹ *Você não faz outra coisa **senão** reclamar!*
² *Não tive a intenção de exigir, **senão** de pedir.*

3.3 **HÁ, A, À.**

– *Há*, Equivale ao verbo 'fazer', indicando tempo. Indica **tempo decorrido**.

Ex.:
Não o vejo **há** seiscentos e sessenta e seis dias.

¹ 'Há' é sempre confundido com 'A' – **preposição**. Contudo, a função do 'a' acaba de ficar explícita.

* Ex.: *Saírei de casa daqui a duas horas.*

! Neste caso é empregado o uso do 'a' e não do 'há' porque não indica tempo decorrido.

²* A crase é um efeito lingüístico relacionado à fala. O 'a' leva o acento grave nos casos de contrações da preposição *a*, na fusão com o artigo definido *a*.

* Ex.:
Fui à festa.

à = *a* (artigo) + *a* (preposição).

Isso acontece devido à **regência** do verbo "Fui" e o **substantivo feminino** "festa". Portanto, usa-se a crase somente antes de palavras femininas que admitem artigo, que o termo regente exija preposição – como no caso citado acima.

Figura 1. Tutorial de como fazer uma boa *fanfiction*.
Fonte: Site *FanFiction*.

Nesse tutorial, como é possível observar, há, além de várias orientações, uma apresentação de diversas regras gramaticais postuladas pela gramática normativa. Percebamos que, quando os produtores desses manuais descrevem o que seria um bom uso da língua portuguesa, as regras apresentadas são as mesmas que aparecem nas aulas de língua portuguesa e em manuais escolares. O mesmo acontece com a maioria dos manuais analisados, sendo comum, portanto, encontrarmos neles as regrinhas do “porque”, de acentuação e pontuação, de crase, entre outras, e a consideração da escrita como um bem cultural desejável.

É interessante ressaltar que, normalmente, nas escolas, os alunos reclamam das redações escolares, pois seus textos ficam vermelhos com as diversas correções ortográficas, mas, no momento de se produzir um texto que, supostamente, não precisa seguir as normas escolares, como as *fanfictions*, estas regras vêm à tona novamente, agora nos manuais dessa comunidade. De acordo com Barton (1994), as atitudes e os valores escolares influenciam a sociedade em geral, o que explicaria o fato de a gramática normativa ser um ponto de referência muito importante para os produtores de manuais (ainda que não sejam mais frequentadores da escola) e toda a comunidade que se constitui em torno das *fanfictions*. Essa supervalorização da gramática normativa pode ser observada nos trechos seguintes:

Nós, escritores, no entanto, precisamos estar atentos a nossa ortografia e, para fazer bonito, precisamos nos adaptar o quanto antes (Haruka, Takahiro. *Novo Acordo Ortográfico – Teoria*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/12/12-novo-acordo-ortografico-teoria.html>. Acesso em: 9 de setembro de 2015).

Mesmo que esses tipos de pronomes estejam caindo em desuso na linguagem coloquial, ainda são imprescritíveis na linguagem culta e fazem muita diferença no sentido de uma sentença (Haruka, Takahiro. *Pronomes reflexivos e pronomes recíprocos*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.z/2014/07/pronome-reflexivos-e-pronomes-reciprosos.html>. Acesso em: 9 de setembro de 2015).

E por que eu estou falando de um tema como esse fora da escola? Isso, meu caro leitor, é porque a linguagem e todas as suas técnicas e ferramentas são importantíssimas para uma boa escrita (Joys, Kill. *Níveis de Linguagem*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/02/niveis-de-linguagem.html>. Acesso em: 9 de setembro de 2015).

Erros de gramática e ortografia podem tornar ruins de ler até mesmo os textos bem planejados. (Saliery, Lady. *Ponto, parágrafo: e agora?* Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/05/ponto-paragrafo-e-agora.html>. Acesso em: 9 de setembro de 2015).

Grammar Nazi é uma gíria surgida em algum lugar obscuro da internet. Traduzida

literalmente para o português, significa “Nazista Gramatical”. Não preciso dizer o que é um nazista, certo? Mas fiquem calmos, não queremos o extermínio de ninguém. Só de coisas horripilantes chamadas erros gramaticais. Ao pensar em um grammar nazi, lembre-se daquele cara chato que você costumava chamar de Pasquale. O enjoado que corrige o português de todo mundo, que vive dizendo, mesmo em SMS, que o certo é “para EU fazer”, que reclama dos escritores de fanfic o tempo todo... Ele pode ser chato, mas quer o seu bem apesar de incomodar de vez em quando (Petusk, Gabriela. *Grammar Nazi*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/03/grammar-nazi-1.html>. Acesso em: 9 de setembro de 2015).

Imaginem suas histórias como uma comida. O sabor da comida é a parte criativa da história: personagens, acontecimentos, sensações, mensagens que você quer passar... A textura da comida é a gramática. Não adianta, por exemplo, ter um bolo delicioso, mas que gruda no céu da boca e te irrita o dia inteiro, ou uma gelatina muito boa com água demais (Petusk, Gabriela. *Grammar Nazi*. Em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/03/grammar-nazi-1.html>. Acesso em: 9 de setembro de 2015).

Vocês devem estar se perguntando por que eu amo roubar temas dos seus professores de português, certo? Primeiro Níveis de Linguagem, agora Tempos Verbais... Acontece que, esse também é um assunto muito importante para manter a coerência da história, por isso não resisti ficar sem falar sobre (Joys, Kill. *Tempos Verbais*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/04/tempos-verbais.html>. Acesso em: 9 de setembro de 2015).

Não adianta a fic ter uma história envolvente, se estiver cheia de erros de português, e não for bem escrita (Mazzei, Amanda. *Dicas para quem quer escrever fanfics*. Em: <http://www.expressodenarnia.com/2014/01/dicas-para-quem-quer-escrever-fanfics-no.html>. Acesso em: 9 de setembro de 2015).

Assim, notamos que o bom uso da língua sob a perspectiva da gramática normativa constitui um requisito básico para a escrita de *fanfictions*, e a incapacidade em satisfazer esse requisito traduz-se, para os produtores dos manuais, em insucesso.

Devido a essa crença, parece-nos que há uma tentativa dos produtores de manuais, quando se referem à gramática, de exercer um cerceamento por meio dessa variedade da língua por eles escolhida. Essa tentativa fica mais visível quando observamos que, no momento de apresentarem as regras da gramática normativa, estipulam o que é “certo” e “errado”, utilizando, geralmente, de termos e expressões normativas (usadas, não raras vezes, por gramáticos normativos), tais como “é correto”, “forma incorreta”, entre outros. A seguir, apresentamos um conjunto de enunciados em que é possível verificar a maciça presença dessas expressões (grifos nosso):

O que muitos autores confundem é, principalmente, o “iria” com “ia”. Quando a narração quiser expressar uma ação que poderia acontecer, que deveria acontecer dependendo de certa condição, usa-se futuro do pretérito, e não o pretérito imperfeito, como muitas pessoas acham, apenas porque oralmente, essas distinções não existem. Por isso, uma dica muito importante é prestar atenção nessa situação, para evitar **erros** bobos (Joys, Kill. *Tempos Verbais*. Em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/04/tempos-verbais.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

É recorrente encontrarmos um texto ou uma publicação nas redes sociais onde os porquês estão sendo empregados de **forma incorreta**, causando a má interpretação do que está escrito e muitas outras confusões (Esparta. *Dúvidas comuns sobre regras simples*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/03/duvidas-comuns-sobre-regras-simples.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Olá. Hoje falaremos sobre denotação e conotação. Essas duas ferramentas da língua portuguesa, quando utilizadas **corretamente**, podem fazer uma grande diferença no texto. Grande parte dos *ficwriters* usam-na sem nem mesmo distinguir uma da outra ou sem ter ciência de que estão usando-a (Noni Aimer-Alisha. *Denotação x conotação*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/12/denotacao-x-conotacao.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Entretanto, já vi também vários desses pronomes serem usados **erroneamente e displacentemente**. Gente, esses pronomes, na minha percepção, dão um sabor a mais para o texto. É tão triste vê-los sendo usados de **forma errada** (Ano Aoi Sora. *Pronomes de tratamento japoneses*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2015/01/pronomesde-tratamento-japoneses.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Entendam que, nesta seção, eu não tenho a intenção de ofender ninguém. Todos os trechos aqui foram tirados de *fanfics* reais, encontradas por mim no Nyah, e a identidade de nenhum autor foi exposta, nem mesmo o título da história. Caso a sua *fanfic* tenha sido usada, você conheça o autor ou até mesmo goste da história, não faça escândalo e não amaldiçoe minha mãe. Se possível, não se orgulhe. De preferência, leve numa boa. Melhor ainda, corrija sua história ou dê um toque ao autor. O objetivo aqui é ajudar a perceber como a coisa anda realmente feia na ortografia dos autores, e ajudar a **combater erros** que todo mundo comete (Petusk, Gabriela. *Grammar Nazi III*. Em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/09/grammar-nazi-iii.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Era meu costume separar os trechos **errados** em Easy, Medium e Hard, mas não dessa vez. É doloroso para o meu coração de chata gramatical: todos aqui estão no mesmo nível de *assustadorabilidade* (Petusk, Gabriela. *Grammar Nazi III*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/09/grammar-nazi-iii.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Bom dia, boa tarde ou noite. Estou de volta com o Grammar Nazi, onde arrisquei

minha vida à caça de **erros ortográficos** *arrepio* (Petusk, Gabriela. *Grammar Nazi*. Em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/03/grammar-nazi-1.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Na norma culta, ou seja, no português escrito, ao se tratar de obrigações, **o correto** é escrever o verbo “ter” acompanhado da preposição “de” (Petusk, Gabriela. *Grammar Nazi*. Em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/03/grammar-nazi-1.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Ao escolher utilizar termos ou expressões normativas (em negrito), estipulando o que é “certo” e “errado”, os produtores de manuais parecem admitir, com base nas regras da gramática tradicional, apenas uma forma correta para a realização da língua, no caso, a norma culta. Nesse sentido, pode ser conferido a esses produtores um *ethos* normativo, típico, aliás, do gênero manual.

Destacamos, no entanto, que, apesar de esses produtores de manuais terem uma postura normativa quanto à língua portuguesa, o uso dessa língua por parte deles mesmos rompe com essa normatividade, como é possível perceber nos trechos até aqui apresentados, dos quais reproduzimos novamente o que vem a seguir, para dele tecer alguns comentários:

Vocês devem estar se perguntando por que eu amo roubar temas dos seus professores de português, certo? Primeiro Níveis de Linguagem, agora Tempos Verbais... Acontece que, esse também é um assunto muito importante para manter a coerência da história, por isso não resisti ficar sem falar sobre (Joys, Kill. *Tempos Verbais*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/04/tempos-verbais.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Verificamos, no trecho anterior, diversos desvios com relação à norma culta escrita: ausência de vírgula isolando as palavras “primeiro” e “agora”; a presença imprópria da vírgula após “acontece que”, separando duas orações subordinadas; a falta da preposição “a” após o verbo transitivo indireto “resistir” e de um complemento após a preposição “sobre”. Desvios como esses podem ser observados na maioria dos manuais, o que mostra que eles funcionam à revelia das normas apresentadas, podendo, portanto, ser atribuído a seus produtores um *ethos* pretensioso, na medida em que pretenderem ser mais do que são efetivamente.

Ademais, os manuais de como fazer *fanfictions* são enunciados por meio de uma cenografia professoral, o que parece indicar que os produtores de manuais, no papel de professores, consideram-se indivíduos dotados de um conhecimento que poucos possuem e, seguindo essa perspectiva, tomam seus leitores como alunos no sentido de sujeitos que precisam

de formação para ampliar seus conhecimentos. Vejamos alguns trechos em que temos a cenografia professoral funcionando (grifos nosso):

Contudo, saibam que seus personagens não são obrigados a utilizá-los. **“Mas como assim, Yasmin? Você acabou de falar que eles dão um sabor a mais!”**. Bem, sim, eles dão. Porém, a cultura japonesa, como toda cultura, se adapta cada vez mais aos que a utilizam. Tornou-se comum não utilizar vários dos pronomes que menciono aqui. Portanto, **não me venha com coisas do tipo “Mas tal personagem não usa isso para se referir a tal personagem!”**. Minha resposta será **“Porque tal personagem não é obrigado”**. E não se toca mais no assunto (Ano Aoi Sora. *Pronomes de tratamento japoneses*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2015/01/pronomes-de-tratamento-japoneses.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

No caso do pronome recíproco, uma observação inicial é necessária: todo pronome recíproco é um pronome reflexivo, nem todo pronome reflexivo é um pronome recíproco. **Como assim, Noni? Eu não entendi. Pois é, parece bastante complicado, mas não é** (Haruka, Takahiro. *Pronomes reflexivos e pronomes recíprocos*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/07/pronome-reflexivos-e-pronomes-reciprocos.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Mas ei, eis que na minha caminhada pelo mundo das fanfics encontrei muitos parágrafos largados de qualquer jeito, que não dizem nada com nada e **parecem jiló no meio da sopa de tão inúteis. É por isso que estou aqui hoje, para ensinar a construir um parágrafo** de modo que ele cumpra sua função no texto com maestria e para **diminuir o desprezo que alguns autores parecem sentir por esse aspecto travesso da escrita. Chegaram ao fim os tempos de começar um parágrafo novo aleatoriamente e sair cortando sua história de qualquer jeito como se ela fosse batata!** (Halina. *Parágrafos, parágrafos, legumes à parte*. Em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/05/paragrafos-paragrafos-legumes-parte.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Então o tamanho do parágrafo não importa? Claro que importa!

Pois eu acabei de deixar o parágrafo anterior pequeno porque queria que você prestasse atenção naquele único fato: o tamanho do parágrafo importa (Halina. *Parágrafos, parágrafos, legumes à parte*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/05/paragrafosparagrafos-legumes-parte.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Está entendido? Então agora vem a melhor parte: o descanso. **Caso restarem dúvidas (o que eu sei que é muito fácil de acontecer visto que o conteúdo é complexo), esclarecê-las-ei através dos comentários**. Espero vê-los em breve, **futuros ninjas gramaticais** (Silveira, Letícia. *Pronomes relativos*. Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/11/pronomens-relativos.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Mas, Shirayuuki, então pode tudo?!

Não, meu bem. Não pode tudo, senão esse post não teria um propósito. Então nos resta: O que não pode? (Shirayuuki. *Em qual tempo verbal devo escrever?* Disponível em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/10/por-shirayuuki-liga-dos-betas-bom-sou.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

O que queremos é que você os consulte sempre que precisar. As mudanças ocorrerão aos poucos, então não tem por que sermos afobados. **O caminho para se aprender a língua portuguesa é longo e cheio de curvas.** O importante é ter sempre em mente que *o conhecimento vem do buscar* (Haruka, Takahiro. *Novo Acordo Ortográfico – Teoria*. Em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/12/12-novo-acordo-ortografico-teoria.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Os parágrafos não só são elementos de uma história, mas também representam uma **arma poderosa para atingir a alma do seu leitor**. Não estou dizendo para vocês escreverem um parágrafo de cada vez sem se importar com a história como um todo. Só porque você vai olhar para eles de modo individual, não quer dizer que eles não devem se ligar uns aos outros. **Como os ossos do nosso corpo**, cada um tem uma função e um sistema de ossos, como o das mãos, permite que peguemos objetos ou acenemos. E todos os ossos juntos formam uma figura única, a sua ou a minha. **Assim são os parágrafos: pense nele como ossos ou como instrumentos**, mas saiba que para um corpo ou uma orquestra funcionar corretamente, eles precisam estar exercendo sua função corretamente (Halina. *Parágrafos, parágrafos, legumes à parte*. Em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2014/05/paragrafos-paragrafos-legumes-parte.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Espaço. Depois. De. Pontuação. **Não me façam perder a paciência.** E por que tudo em caps? PARECE QUE VOCÊ ESTÁ GRITANDO. Viram? (Petusk, Gabriela. *Grammar Nazi III*. Em: <http://ligadosbetas.blogspot.com.br/2013/09/grammar-nazi-iii.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2015).

Perguntas como *Mas, Shirayuuki, então pode tudo?/Então o tamanho do parágrafo não importa?/Mas como assim, Yasmin? Você acabou de falar que eles dão um sabor a mais!* – lançadas pelos produtores de manuais com o intuito de que os leitores, na função de alunos, apreendam como sendo deles –, o uso de metáforas e comparações na apresentação de novos conteúdos (o *caminho para se aprender a língua portuguesa é longo e cheio de curvas/Assim são os parágrafos: pense nele como ossos ou como instrumentos*), afirmações como *Não, meu bem. Não pode tudo, senão esse post não teria um propósito/Mas a partir de agora, isso irá mudar!*, bem como todos os enunciados grifados nos excertos anteriores podem facilmente conferir aos produtores de manuais o estatuto de professores (é uma das características do professor fazer perguntas e respondê-las ao mesmo tempo, assim como valer-se de comparações para explicar conteúdos novos), e, por não ser este o caso, atribuem, também, a eles, um *ethos*

pretensioso. Há, portanto, um processo de enlaçamento entre a cenografia e o *ethos*, em que o *ethos* pretensioso que emerge dos manuais é legitimado por meio da cenografia professoral.

5. Considerações finais

O fato de os manuais de como fazer *fanfictions* serem fruto de experiências aparentemente validadas (quem os escreve é um *betareader* e/ou *ficwriter*), bem como permitirem um acesso imediato a um conjunto de saberes que se apresentam doseados e estruturados, são fatores determinantes para o reconhecimento da sua importância por parte dos *ficwriters*.

É possível observar, nesses manuais de como fazer *fanfictions*, principalmente no que refere ao uso da língua portuguesa, um caráter de texto recontextualizador, mais ou menos intenso, das orientações oficiais dos manuais escolares de Língua Portuguesa. Assim como estes, aqueles constituem textos reguladores das práticas discursivas e seus processos de transmissão, bem como da aquisição e circulação de saberes sobre a língua.

A postura normativa quanto ao uso dessa língua (sem conhecimento apropriado desse uso) assim como a cenografia professoral conferem ao enunciador dos manuais de como fazer *fanfictions* um *ethos* pretensioso e revelam, ainda, um posicionamento conservador dos membros da comunidade constituída em torno das *fanfictions* em relação à escrita: escreve bem quem domina as regras da gramática normativa.

Apresentar um uso normativo da língua, sem conhecimento apropriado desse uso, parece ser, para nós, uma marca da tentativa desses produtores de legitimar os manuais como uma palavra de autoridade capaz de institucionalizar a produção dessa comunidade. Ao mesmo tempo, entretanto, esse mesmo gesto enunciativo expõe a fissura entre o espaço discursivo dessa comunidade e o do campo de saber a que, parece, tal comunidade pretende ascender.

Referências Bibliográficas

BARTON, D. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. Oxford and Cambridge: Brackwell. 1994.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008a.

_____. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

VARGAS, M. L. B. **O fenômeno *Fanfiction*** – novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

Artigo recebido em: 04.11.2015

Artigo aprovado em: 08.01.2016

Domínios de Lingu@gem